



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE ESTUDOS COSTEIROS
FACULDADE DE CIÊNCIAS NATURAIS

GEOVANA CUNHA DE BRITO FARIAS

**QUANDO O FILHO CHEGA CEDO: PERCEPÇÕES SOBRE TORNAR-SE
PAI NA ADOLESCÊNCIA**

BRAGANÇA-PA
2026

GEOVANA CUNHA DE BRITO FARIAS

QUANDO O FILHO CHEGA CEDO: PERCEPÇÕES SOBRE TORNAR-SE PAI NA ADOLESCÊNCIA

Trabalho de Curso apresentado à Universidade Federal do Pará,
Instituto de Estudos Costeiros, Faculdade de Ciências Naturais,
para obtenção do Grau de Licenciada em Ciências Naturais.

Orientadora: Profa. Dra. Sandra Nazaré Dias Bastos –
UFPA/IECOS/FBIO

BRAGANÇA-PA
2026

GEOVANA CUNHA DE BRITO FARIAS

QUANDO O FILHO CHEGA CEDO: PERCEPÇÕES SOBRE TORNAR-SE PAI NA ADOLESCÊNCIA

Este Trabalho será julgado para obtenção do Grau de Licenciada em Ciências Naturais do Curso de Licenciatura em Ciências Naturais da Universidade Federal do Pará, Instituto de Estudos Costeiros, do Campus Universitário de Bragança.

DATA DA DEFESA: 30/06/2026

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Sandra Nazaré Dias Bastos – Orientadora
UFPA/IECOS/FBIO/Campus Bragança

Prof. Dr. Leandro Duso – Membro Externo
UFSC/Centro de Educação

Profa. Dra. Nelane do Socorro Marques da Silva – Membro Interna
UFPA/IECOS/FBIO/Campus Bragança

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a)
autor(a)

Farias, Geovana Cunha de Brito.

Quando o filho chega cedo : Percepções sobre tornar-se
pai na adolescência / Geovana Cunha de Brito Farias. —
2026.

37 f.

Orientador(a): Prof^ª. Dra. Sandra Nazaré Dias Bastos
Trabalho de Curso (Graduação) - Universidade Federal
do Pará, Campus Universitário de Bragança, Faculdade de
Ciências Naturais, Bragança, 2026.

1. Paternidade na Adolescência. 2. . Jovens Pais. 3.
. Trajetória escolar. I. Título.

CDD 370

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por me conceder força, sabedoria e perseverança ao longo de toda esta caminhada. Foi Ele quem me sustentou nos momentos mais difíceis e me guiou até aqui. Como está escrito em Filipenses 4:13: "Tudo posso naquele que me fortalece";

À minha mãe, Maria José Cunha de Brito, exemplo de força e determinação, que nunca mediu esforços para que eu pudesse conquistar meus objetivos. Sua dedicação, amor e confiança em mim foram essenciais para que eu chegasse até este momento;

À minha irmã, Maria Manoele de Brito Melo, pelo carinho, apoio e por sempre acompanhar com interesse cada etapa dessa trajetória, ouvindo minhas experiências, ensaios e aprendizados ao longo da graduação;

À minha orientadora, Sandra Bastos, pela dedicação, paciência e orientação cuidadosa durante o desenvolvimento deste trabalho. Suas contribuições foram fundamentais para a realização e conclusão desta pesquisa;

Aos entrevistados, jovens pais, pela disponibilidade e confiança em compartilhar suas experiências, tornando possível a concretização deste estudo;

Aos meus colegas de curso, pela parceria e pelos momentos compartilhados ao longo da graduação. Em especial, ao meu amigo Afonso Santiago, pelo companheirismo, apoio nos momentos difíceis e por estar presente em toda essa trajetória, tornando esse caminho mais leve.

A todos que, de alguma forma, contribuíram para a minha formação acadêmica e pessoal, deixo minha sincera gratidão.

Dedico este trabalho à minha mãe, Maria José Cunha de Brito, por todo amor e incentivo e também aos jovens que vivenciam a paternidade na adolescência, cujas histórias inspiraram esta pesquisa.

Ninguém nasce feito, é experimentando-nos no mundo que nós nos fazemos.

Paulo Freire

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 PATERNIDADE ADOLESCENTE: INVISIBILIZAÇÕES	13
1.2 PATERNIDADE, IDENTIDADE E TRAJETÓRIAS JUVENIS	14
2 CAMINHOS METODOLÓGICOS	15
3 RESULTADOS E DISCUSSÃO	16
3.1 QUANDO A PATERNIDADE CHEGA SEM AVISO: ENTRE O PLANEJAMENTO (OU DA FALTA DELE) E O IMPACTO DA DESCOBERTA	16
3.2 VOU SER PAI E AGORA? PLANEJAMENTO DE VIDA A PARTIR DA PATERNIDADE	19
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
REFERÊNCIAS	23
APÊNDICE A – Roteiro de entrevista semiestruturada	29
APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)	31
ANEXO A – Diretrizes para autores – Nova Revista Amazônica	33

APRESENTAÇÃO

O município de Augusto Corrêa, localizado na região nordeste do estado do Pará, apresenta uma realidade social marcada pela ocorrência de casos de paternidade na adolescência, situação que, embora presente com muita frequência, ainda é pouco discutida, especialmente no que se refere às experiências dos jovens pais. Nesse contexto, observam-se desafios relacionados à continuidade dos estudos, à inserção precoce no mercado de trabalho e às mudanças nas trajetórias de vida desses adolescentes.

A escolha desta temática está diretamente relacionada à minha trajetória na graduação em Licenciatura em Ciências Naturais, pois, ao longo da formação, sempre tive interesse sobre temas relacionados à educação sexual, relações de gênero e juventudes buscando compreender questões presentes na realidade de muitos estudantes. Percebi que as discussões sobre gravidez na adolescência concentravam-se, sobretudo, nas jovens mães, enquanto os adolescentes pais permaneciam pouco visíveis. Além disso, acompanhar situações de paternidade na adolescência no contexto familiar e na comunidade em que estou inserida fortaleceu meu interesse em compreender as experiências e os desafios vivenciados por esses jovens.

As experiências no Estágio Supervisionado também contribuíram para a construção desta pesquisa. Nas aulas sobre sexualidade, observei que predominavam discussões sobre reprodução e prevenção de doenças e gravidez na adolescência, enquanto a paternidade adolescente era pouco (ou nunca!) abordada. Essa vivência despertou em mim a necessidade de refletir sobre como o ensino de Ciências pode ampliar esse debate, incorporando aspectos sociais, culturais e de gênero que também fazem parte da educação sexual. Como futura professora de Ciências, compreendo que discutir a paternidade na adolescência pode favorecer reflexões sobre responsabilidade, parentalidade, projetos de vida e permanência escolar, contribuindo para práticas pedagógicas mais críticas, inclusivas e contextualizadas.

Nesse caminho, estruturei um projeto de pesquisa intitulado **“Quando o filho chega cedo: Percepções sobre tornar-se pai na adolescência”** que teve como objetivo central analisar os impactos da paternidade na adolescência na rotina, nas relações sociais e na trajetória escolar de jovens pais no município de Augusto Corrêa, Pará. Embora minha experiência mostrasse que essa realidade era bastante comum nas salas de aula nas quais atuava como professora estagiária, encontrar pessoas que quisessem falar sobre essa tema se mostrou uma tarefa bastante difícil, uma vez que ao longo da construção dos dados houve a desistência de alguns participantes. Esse fato evidenciou a resistência de parte desses jovens em falar sobre a experiência da paternidade e reforçou a invisibilidade apontada pela literatura. Ainda assim, o estudo possibilitou compreender

como a paternidade na adolescência impacta as trajetórias escolares, sociais e profissionais dos participantes, além de representar um importante momento da minha formação docente.

Ao dar visibilidade às experiências dos jovens pais, espera-se que este estudo contribua para ampliar as discussões sobre a paternidade na adolescência e estimular novas pesquisas que aprofundem a compreensão dessa realidade. Desse modo, resolvemos estruturar esse relato de pesquisa como um artigo científico para ser submetido à Nova Revista Amazônica¹, revista que faz parte do Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia (PPLSA-UFPA). As orientações dirigidas aos autores encontram-se como anexo no final do documento² A elaboração desse trabalho acadêmico segue as determinações da Instrução Normativa nº 05 de 21 de dezembro de 2023 que regulamenta o Trabalho de Curso (TC) no âmbito dos Cursos de Graduação da Universidade Federal do Pará.

¹ Nova Revista Amazônica: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/nra>

² Orientações disponíveis em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/nra/about/submissions#authorGuidelines>

QUANDO O FILHO CHEGA CEDO: PERCEPÇÕES SOBRE TORNAR-SE PAI NA ADOLESCÊNCIA

Geovana Cunha de Brito Farias ³

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo analisar os impactos da paternidade na adolescência na rotina, nas relações sociais e na trajetória escolar de jovens pais. A pesquisa justifica-se pela relativa invisibilidade do pai adolescente nas produções acadêmicas e nas políticas públicas, frequentemente centradas na maternidade. Trata-se de um estudo exploratório-descritivo, de abordagem qualitativa, que articula levantamento bibliográfico e pesquisa de campo realizada no município de Augusto Corrêa (PA). Participam da pesquisa dois jovens que vivenciaram a paternidade na adolescência, cujos relatos são analisados pela pesquisa por meio da análise de conteúdo. Os resultados indicam que a paternidade na adolescência se configura como um processo de adultização precoce, marcado pela assunção de responsabilidades, especialmente relacionadas ao papel de provedor. O estudo evidencia, ainda, que essa experiência impacta diretamente a trajetória escolar, resultando em interrupções ou fragilização dos percursos educacionais, em função da necessidade de inserção no mercado de trabalho. Conclui-se que a paternidade na adolescência é atravessada por desigualdades sociais e de gênero, que influenciam tanto a vivência dos jovens pais quanto sua visibilidade social, destacando-se a necessidade de políticas públicas e práticas educativas que promovam a corresponsabilidade parental e o apoio à permanência escolar.

Palavras-chave: Paternidade na adolescência. Jovens pais. Trajetória escolar.

ABSTRACT

This study aims to analyze the impacts of adolescent fatherhood on the daily routine, social relationships, and educational trajectory of young fathers. The research is justified by the relative invisibility of adolescent fathers in academic studies and public policies, which are often centered on motherhood. This is an exploratory-descriptive study with a qualitative approach, combining a literature review and field research carried out in the municipality of Augusto Corrêa (PA), Brazil. The study includes two young men who experienced fatherhood during adolescence, whose reports were examined through content analysis. The results indicate that adolescent fatherhood constitutes a process of early transition into adulthood, marked by the assumption of responsibilities, especially those related to the provider role. The study also highlights that this experience directly affects educational trajectories, resulting in interruptions or weakening of educational paths due to the need for early entry into the labor market. It is concluded that adolescent fatherhood is shaped by social and gender inequalities, which influence both the experiences of young fathers and their social visibility, highlighting the need for public policies and educational practices that promote shared parental responsibility and support school retention.

Keywords: Adolescent Fatherhood. Young Fathers. Educational Trajectory.

³ Licencianda em Ciências Naturais – Universidade Federal do Pará (UFPA), Instituto de Estudos Costeiros (IECOS), Faculdade de Ciências Naturais (FACIN) – E-mail: cunhageovana303@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

A adolescência é uma fase marcada por intensas transformações físicas, emocionais, cognitivas e sociais, configurando-se como um período de transição entre a infância e a vida adulta. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2009), essa etapa compreende o intervalo entre 10 e 19 anos, sendo subdividida em duas fases: a pré-adolescência, dos 10 aos 14 anos, caracterizada pelas primeiras mudanças corporais e hormonais, e a adolescência propriamente dita, dos 15 aos 19 anos, marcada pelo aprofundamento das relações sociais, pela construção da identidade e desenvolvimento da autonomia. No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) define como adolescente a pessoa entre 12 e 18 anos, podendo, em casos excepcionais, a legislação ser aplicada até os 21 anos (Brasil, 1990).

Durante esse período, os adolescentes descobrem aspectos fundamentais de sua sexualidade, dos vínculos afetivos e da formação de sua identidade social. Como destaca Favilli (2016), trata-se de um “novo nascimento”, em que os jovens precisam se adaptar a um corpo em transformação e às novas demandas sociais e responsabilidades. Nesse contexto, a vivência da paternidade na adolescência surge como um acontecimento que rompe expectativas socialmente construídas, trazendo desafios emocionais, sociais e econômicos para os quais o jovem muitas vezes não está preparado.

Diante disso, surge o seguinte problema de pesquisa: Como a paternidade na adolescência impacta a rotina, as relações sociais e a trajetória escolar dos jovens pais? A partir dessa problemática, o objetivo geral deste estudo é analisar como a paternidade na adolescência impacta a vida dos jovens pais, considerando mudanças na rotina, nas relações sociais e na trajetória escolar. Como objetivos específicos, busca-se identificar os principais desafios enfrentados pelos adolescentes que se tornam pais; investigar os impactos da paternidade na vida escolar e social desses jovens e contribuir para o debate acadêmico acerca da invisibilidade do pai adolescente.

A relevância deste estudo reside em sua contribuição para o preenchimento de lacunas teóricas acerca da paternidade na adolescência, tema ainda pouco explorado na produção científica quando comparado à maternidade juvenil. Ao dar visibilidade às experiências de jovens pais, a pesquisa amplia a compreensão das dimensões sociais, educacionais e subjetivas que atravessam a vivência da paternidade precoce.

A escolha do tema está diretamente relacionada à trajetória formativa da pesquisadora no curso de Licenciatura em Ciências Naturais, bem como às experiências vivenciadas ao longo de sua formação docente. O interesse pela temática surgiu a partir da observação da realidade social do município em que está inserida, marcado pela presença significativa de casos de paternidade na adolescência, inclusive em seu contexto familiar, o que possibilitou um contato mais próximo com as dificuldades enfrentadas por jovens pais, como o abandono escolar e a interrupção de projetos de vida.

Além disso, durante a realização do estágio supervisionado no Ensino Fundamental, no contexto de aulas sobre sexualidade, conteúdo previsto na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018), foi possível observar situações que evidenciam como a temática da paternidade na adolescência se manifesta no cotidiano escolar. Em uma turma do 8º ano, por exemplo, durante discussões em sala, os próprios alunos mencionaram, em tom de brincadeira, que um colega “já dominava o assunto” por estar prestes a se tornar pai aos 14 anos. Esse episódio evidenciou não apenas a presença concreta da paternidade precoce no contexto escolar, mas também, a forma como essa realidade é, ao mesmo tempo, naturalizada e pouco problematizada.

Nesse sentido, tais vivências contribuíram significativamente para a consolidação do objeto de estudo, despertando o interesse em compreender como jovens pais vivenciam a paternidade na adolescência, quais desafios enfrentam e de que maneira essa experiência impacta suas trajetórias escolares e sociais. Assim, enquanto futura professora de Ciências compreendo que discutir a paternidade na adolescência ultrapassa o debate sobre reprodução humana, envolvendo também questões de gênero, direitos, saúde sexual, projetos de vida e permanência escolar. Desse modo, este estudo também busca contribuir para reflexões que possam subsidiar práticas pedagógicas mais críticas e inclusivas no ensino de Ciências.

1. 1 PATERNIDADE ADOLESCENTE: INVISIBILIZAÇÕES

Este estudo se apoia em discussões que ajudam a compreender a paternidade na adolescência sob suas dimensões sociais, educacionais e de gênero. A partir do problema de pesquisa, analisa-se como a literatura tem tratado a invisibilidade do jovem pai, a escassez de dados sobre esses jovens e as mudanças em suas trajetórias provocadas pela paternidade precoce. Esses estudos conectam-se diretamente aos objetivos da pesquisa. Eles permitem uma leitura crítica dos desafios vividos pelos jovens pais em seus contextos sociais e esclarecem como a paternidade adolescente se relaciona com as construções de gênero, a permanência escolar e a entrada no mercado de trabalho, elementos essenciais para interpretar os dados coletados em campo.

Embora a gravidez na adolescência seja amplamente discutida na literatura científica, observa-se que grande parte dos estudos concentra-se nos impactos e implicações da gestação na vida das jovens mães, tendo em vista que são elas que vivenciam diretamente o processo gestacional. Nesse contexto, a maior visibilidade social das adolescentes pode ser associada às transformações biológicas e às demandas decorrentes da gestação, que as colocam em evidência, diferentemente dos jovens pais, que tendem a ocupar uma posição menos central nas análises sobre o fenômeno (Lima; Gonçalves, 2023).

Essa menor centralidade da paternidade na adolescência nas produções acadêmicas pode ser compreendida a partir de relações de gênero historicamente construídas, nas quais a responsabilidade pelo cuidado e pela criação dos filhos é atribuída majoritariamente às mulheres. Nesse cenário, a figura paterna é frequentemente percebida como secundária ou periférica, o que contribui para que sua experiência seja menos explorada nos debates científicos e sociais (Luz; Berni, 2010; Duarte; Duarte, 2023).

Tal configuração também se reflete na forma como o fenômeno é reconhecido em diferentes esferas sociais, repercutindo nos modos de registro e na sistematização de informações sobre os jovens pais. A compreensão da paternidade na adolescência também enfrenta limitações relacionadas à disponibilidade de dados oficiais sobre os jovens pais. No Brasil, o Sistema de Informações sobre Nascidos Vivos (SINASC), instituído em 1990, não exige o preenchimento obrigatório das informações referentes ao pai na Declaração de Nascido Vivo, o que resulta em lacunas nos registros estatísticos sobre a paternidade na adolescência (Oliveira et al., 2015). De forma semelhante, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) não apresenta, de maneira sistematizada, dados específicos sobre os adolescentes do sexo masculino que se tornam pais. Essa ausência de registros consolidados dificulta uma análise mais abrangente do fenômeno no contexto brasileiro, especialmente no que se refere à participação paterna e às condições sociais desses jovens.

Nesse sentido, a escassez de dados estatísticos contribui para restringir a visibilidade da paternidade na adolescência em diferentes esferas, incluindo a produção científica e a formulação de políticas públicas voltadas a esse público. Diante desse cenário, observa-se que ainda são limitados os estudos que abordam a paternidade na adolescência sob a perspectiva masculina. No recorte temporal entre 2019 e 2026, identificam-se algumas pesquisas, em nível de mestrado e doutorado, que se dedicam à temática, indicando um movimento recente de ampliação das abordagens sobre o jovem pai.

Nesse conjunto, destacam-se investigações que analisam a participação dos adolescentes no exercício da paternidade e as relações de gênero que atravessam essa experiência. A pesquisa de Lima (2020), por exemplo, ao investigar as percepções de mães e pais adolescentes sobre educação sexual e gravidez na adolescência, evidenciou a persistência da sobrecarga feminina, reforçando a permanência de padrões tradicionais de gênero no exercício da parentalidade.

De modo semelhante, Freire (2021), ao analisar o panorama da gravidez na adolescência no estado de Pernambuco, destacou a dificuldade dos serviços de saúde em reconhecer o adolescente masculino como sujeito ativo no processo reprodutivo, o que evidencia lacunas institucionais no acolhimento desse público. Já o estudo de Guimarães (2019), ao investigar o processo de constituição da paternidade no contexto da maternidade adolescente, apontou mudanças nas formas de participação paterna, ainda que marcadas por elementos tradicionais, como a centralidade do papel

de provedor.

No âmbito escolar, Gonçalves (2023) analisou as experiências de maternidade e paternidade na adolescência, ressaltando a importância do ambiente educacional na construção dessas vivências, especialmente no que se refere ao suporte social e à permanência dos jovens na escola. A autora evidencia que a escola pode desempenhar um papel fundamental ao acolher adolescentes que vivenciam a parentalidade, contribuindo para a continuidade dos estudos e para a redução dos impactos decorrentes dessa experiência. Além disso, destaca que a permanência escolar depende não apenas do esforço individual dos jovens, mas também da existência de redes de apoio e de práticas institucionais que favoreçam sua inclusão e permanência no ambiente escolar.

De modo geral, essas pesquisas sinalizam avanços na compreensão da paternidade na adolescência, ao ampliarem o olhar para além da maternidade. No entanto, ainda evidenciam a necessidade de aprofundamento de estudos que enfoquem, de maneira mais específica, as experiências, desafios e trajetórias dos jovens pais.

1.2 PATERNIDADE, IDENTIDADE E TRAJETÓRIAS JUVENIS

A análise da paternidade na adolescência requer compreender como o papel paterno foi socialmente construído ao longo do tempo, bem como as responsabilidades a ele atribuídas e os desafios enfrentados pelos jovens nesse processo. A vivência da paternidade nesse período atravessa diferentes dimensões, envolvendo não apenas aspectos emocionais e afetivos, mas também repercussões na trajetória escolar, nas relações sociais e nas perspectivas de futuro (Maciel-Pereira et al., 2025).

Nesse contexto, a construção da identidade do jovem pai ocorre de forma simultânea a outras demandas típicas da adolescência, como a busca por autonomia, a consolidação de projetos de vida e a inserção em diferentes espaços sociais. De acordo com Erikson (1976), a adolescência corresponde a uma etapa do desenvolvimento psicossocial marcada pela crise entre identidade e confusão de papéis, na qual o indivíduo busca compreender quem é e qual o seu lugar na sociedade, ao mesmo tempo em que lida com pressões sociais e incertezas em relação ao futuro. A paternidade precoce, ao introduzir novas responsabilidades e expectativas sociais, pode interferir nesse processo, exigindo do adolescente a assunção de um papel social adulto em um momento em que sua identidade ainda se encontra em formação.

A paternidade precoce pode, portanto, reconfigurar trajetórias juvenis, exigindo adaptações que impactam diretamente o cotidiano desses adolescentes, principalmente no que se refere à permanência na escola, à inserção no mercado de trabalho e à reorganização das relações familiares. Estudos empíricos evidenciam que a vivência da paternidade na adolescência está associada a processos de amadurecimento e resignificação das trajetórias juvenis. Corrêa et al. (2014), ao investigarem homens adultos que experienciaram a paternidade precoce, identificaram que essa vivência esteve marcada por sentimentos ambivalentes, como medo, responsabilidade e, em alguns casos, arrependimento, sobretudo relacionados ao adiamento dos estudos e à ausência de condições materiais no momento em que se tornaram pais. Ao mesmo tempo, os autores destacam que, ao longo do tempo, essa experiência contribuiu para o desenvolvimento de maior consciência sobre o papel paterno, evidenciando uma reconstrução da identidade e um processo de amadurecimento pessoal.

Nessa mesma perspectiva, Silva et al. (2019) apontam que a paternidade na adolescência frequentemente está associada a uma transição precoce para o mundo adulto, marcada pela assunção de responsabilidades e pela necessidade de inserção no mercado de trabalho, o que pode resultar no afastamento da vida escolar. Além disso, os autores destacam que, embora os adolescentes apresentem condições biológicas para a paternidade, ainda se encontram em processo de desenvolvimento psicológico e emocional, o que pode gerar vulnerabilidades no exercício do papel paterno. Esse cenário evidencia tensões entre as demandas sociais atribuídas ao jovem pai, especialmente como provedor, e suas condições subjetivas de desenvolvimento, impactando diretamente a construção de sua identidade e suas trajetórias de vida.

Além disso, a forma como a sociedade compreende e atribui papéis à figura paterna influencia

diretamente a maneira como esses jovens experienciam a paternidade. Em muitos casos, ainda prevalecem concepções tradicionais que associam o pai à função de provedor, o que pode limitar sua participação em dimensões afetivas e de cuidado. Por outro lado, observa-se, ainda que de forma gradual, a emergência de novas configurações de paternidade, nas quais os jovens buscam maior envolvimento no cuidado e na criação dos filhos.

Essa transformação nas concepções de paternidade também tem sido acompanhada por avanços na legislação brasileira voltados ao reconhecimento da corresponsabilidade parental. Nesse contexto, destaca-se a Lei nº 15.371, de 31 de março de 2026, que regulamenta a licença-paternidade e institui o salário-paternidade no âmbito da Previdência Social. A legislação amplia gradualmente o período de licença-paternidade, assegura estabilidade provisória ao trabalhador durante o exercício desse direito e reconhece a importância da participação do pai nos cuidados com o filho desde o nascimento ou da adoção (Brasil, 2026). Embora não seja uma norma direcionada especificamente aos pais adolescentes, seus dispositivos evidenciam uma mudança na compreensão social e jurídica da paternidade, ao fortalecer a participação paterna no cuidado e na convivência com os filhos, para além da função tradicional de provedor.

Nessa mesma perspectiva Maciel-Pereira et al. (2025), destacam que é fundamental compreender o jovem pai como sujeito ativo na construção social da parentalidade, rompendo com a lógica que o coloca apenas como coadjuvante de um processo centrado na maternidade. Essa perspectiva contribui para ampliar o olhar sobre a paternidade na adolescência, reconhecendo-a como uma experiência complexa, marcada por desafios, mas também por possibilidades de ressignificação das trajetórias juvenis.

2 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Trata-se de um estudo exploratório-descritivo, de abordagem qualitativa, que articula levantamento bibliográfico e pesquisa de campo. A pesquisa qualitativa busca compreender os fenômenos sociais a partir das experiências, percepções e significados atribuídos pelos sujeitos, considerando-os em seu contexto de vida. Esse tipo de investigação possibilita uma interpretação aprofundada da realidade estudada, permitindo captar dimensões subjetivas que não seriam alcançadas por métodos quantitativos. Além disso, estudos exploratórios se dedicam a temas ainda pouco investigados, contribuindo para ampliar o conhecimento sobre fenômenos que carecem de maior aprofundamento científico (Lösch; Rambo; Ferreira, 2023).

O levantamento bibliográfico teve como objetivo fundamentar teoricamente o estudo e subsidiar a análise dos dados empíricos. Para isso, foram consultadas produções científicas relacionadas à temática da paternidade na adolescência, priorizando estudos que abordam as relações de gênero, a escolarização e as trajetórias juvenis.

A pesquisa de campo foi realizada em Augusto Corrêa, município localizado na região nordeste do estado do Pará, e contou com a participação de duas pessoas do gênero masculino que vivenciaram a paternidade durante a adolescência. No momento da pesquisa, o Entrevistado 1 tinha 19 anos e havia se tornado pai aos 16 anos. O Entrevistado 2 tinha 25 anos e tornou-se pai aos 17 anos. A identificação dos participantes ocorreu por iniciativa da própria pesquisadora, a partir de contatos pessoais e indicações feitas por terceiros, sem mediação institucional. As entrevistas foram realizadas nas residências dos participantes, em ambientes previamente acordados, garantindo privacidade e conforto durante a construção dos relatos.

As entrevistas foram gravadas em áudio, mediante autorização dos participantes, e seguiram um roteiro semiestruturado, abordando questões relacionadas ao planejamento da gravidez, ao uso de métodos contraceptivos, à reação diante da notícia da paternidade e às mudanças ocorridas em suas vidas após a experiência de se tornarem pais na adolescência. Posteriormente, as entrevistas foram transcritas na íntegra e submetidas à análise de conteúdo, conforme a proposta metodológica de Bardin (2016). Esse método envolve etapas de organização, codificação e categorização do material empírico, permitindo a identificação de núcleos de sentido e a interpretação dos discursos à luz do referencial teórico adotado.

Todos os procedimentos éticos foram respeitados, conforme as diretrizes da Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. Os participantes foram informados antecipadamente sobre os objetivos da pesquisa, os procedimentos de coleta de dados e o caráter voluntário da participação, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Para garantir o anonimato, os participantes foram identificados no estudo como E1 e E2.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 QUANDO A PATERNIDADE CHEGA SEM AVISO: ENTRE O PLANEJAMENTO (OU DA FALTA DELE) E O IMPACTO DA DESCOBERTA

Os participantes da pesquisa foram pais na adolescência, com idade entre 16 e 17 anos e hoje não mantêm relação conjugal com as mães de seus filhos. O perfil de nossos entrevistados é apresentado na Tabela 1.

Tabela 1 – Perfil dos pais entrevistados, Augusto Corrêa, 2025.

Perfil	E1	E2
Idade atual	19 anos	25 anos
Idade ao tornar-se pai	16 anos	17 anos
Escolaridade	Ensino Fundamental incompleto	Ensino Médio interrompido (retorno posterior)
Trabalho	Pescador	Trabalho informal
Relação atual com a mãe do filho	Separados; participa da criação e sustento do filho	Separados; participa da criação e sustento do filho

Fonte: Elaborada pela autora

Em relação ao planejamento da gravidez, os participantes vivenciaram experiências distintas, como podemos observar nas falas a seguir:

“Foi, foi planejada, planejada já há um bom tempo” [E1].

“Não, não! A gravidez não foi planejada... aconteceu do nada!” [E2].

Esses relatos evidenciam que a paternidade na adolescência pode ocorrer tanto de forma intencional quanto de forma inesperada. O relato do E1 chama atenção por indicar que a gravidez foi planejada, embora ele tenha se tornado pai aos 16 anos, evidenciando que a paternidade na adolescência nem sempre resulta de acontecimentos imprevistos. Esse aspecto reforça que, para alguns adolescentes, a experiência da paternidade pode estar inserida em seus projetos de vida ou assumir significados positivos. Nessa perspectiva, Luz e Berni (2010) destacam que a paternidade pode representar, para determinados jovens, a inserção no mundo adulto, sendo associada à satisfação e ao reconhecimento do papel masculino. Assim, o planejamento da paternidade na adolescência pode estar relacionado a diferentes significados atribuídos ao tornar-se pai, para além da ausência de informação sobre métodos contraceptivos.

A partir disso, torna-se importante compreender que a paternidade nesse período não pode ser analisada de forma homogênea ou exclusivamente como indesejada, pois esse fenômeno é marcado por diferentes contextos e decisões individuais. Conforme destaca Oliveira (2019), mesmo quando há conhecimento sobre formas de prevenção, a gravidez pode ocorrer, desse modo, é possível afirmar que ela pode estar associada a fatores subjetivos e sociais que envolvem expectativas, projetos de vida e condições de existência. Nesse sentido, a ocorrência de gestações planejadas, ou não, entre

adolescentes revela a complexidade desse fenômeno, que não se restringe apenas ao acesso à informação, mas envolve também escolhas, contextos e perspectivas de vida de cada um.

Além disso, a assunção da paternidade pode ser compreendida como um processo de transição, no qual o adolescente passa a ocupar uma nova posição social, associada a responsabilidades e mudanças em sua vida. Ainda segundo Oliveira (2019) essa experiência pode ser vivenciada de formas distintas, sendo percebida, por alguns, como uma consolidação da entrada na vida adulta e, por outros, como uma transformação abrupta, marcada pela necessidade de adaptação a novas demandas e responsabilidades (Oliveira, 2019).

No que se refere ao uso de métodos contraceptivos, ambos os participantes relataram que não faziam uso no momento da relação sexual, ainda que por diferentes motivos.

“A gente sempre conversava, eu mais ela, pra não usar esse tipo de negócio, pra não usar esse tipo de remédio, entendeu?” [E1].

“Não, não. No momento, não tinha nenhum. Devido ao local em que a gente estava e de não ter”. [...] Sim, sim. Tinha conhecimento sobre todos. [E2].

Na fala do entrevistado 1 percebemos que não usar um método contraceptivo parece ser uma decisão/escolha do casal. Pelo que entendemos, se não havia a intenção de uma gravidez, pelo menos seu surgimento não seria algo tão inesperado, uma vez que o casal não usava métodos contraceptivos. É possível notar ainda que havia uma certa resistência quanto à utilização de métodos considerados como “remédios”, possivelmente métodos hormonais de administração injetável ou oral (pílulas anticoncepcionais).

Os estudos realizados por Reis et al. (2024) sinalizam que não é raro haver uma certa resistência aos métodos hormonais, uma vez que eles podem causar sintomas desagradáveis e temores em relação aos efeitos que podem provocar, em longo prazo, na saúde e capacidade reprodutiva das usuárias. Além disso, os relatos sobre efeitos adversos dos contraceptivos hormonais são, muitas vezes, negligenciados ou silenciados, tanto pelos formuladores de políticas públicas, quanto pelos profissionais de saúde. Em geral, a normalização desses efeitos no âmbito do atendimento/aconselhamento sexual e reprodutivo pode influenciar de forma significativa a tomada de decisões contraceptivas pelas mulheres, inclusive jovens e adolescentes.

Brandão (2009) aponta que a centralidade do corpo para os jovens faz com que eles ponderem sobre o uso contínuo da pílula anticoncepcional. Nos estudos que realizou, a autora observou que as adolescentes relataram que o ganho expressivo de peso, o aumento de espinhas, enjoos, cefaleias, alterações de humor, entre outros efeitos colaterais, concorrem para a não adesão, descontinuidade ou até mesmo o abandono do método. A autora também pontua que a não utilização de métodos contraceptivos pode também estar relacionada à concepção arraigada, principalmente entre pessoas dos segmentos populares, da paternidade como afirmadora da virilidade/masculinidade e de que ela é estruturante de um novo grupo familiar do qual o jovem pai seria o “provedor” simbólico. Desse modo, o filho seria incorporado como inerente à ordem natural da vida, não se priorizando os cuidados contraceptivos nas relações afetivas. Nesse caminho, Hoga e Reberte (2009) afirmam que a associação entre paternidade e masculinidade, se dá porque os homens vinculam a paternidade a um atributo moral valioso que é a capacidade de sustentar e educar os filhos.

Além disso, essa discussão também pode ser compreendida à luz das construções sociais de gênero que historicamente associam a masculinidade à virilidade, à fertilidade e à capacidade reprodutiva. Conforme Melo (2025), os papéis tradicionais de gênero atribuíram predominantemente às mulheres a responsabilidade pela contracepção, enquanto o uso de métodos contraceptivos masculinos ainda enfrenta barreiras culturais. Em diferentes contextos, a fertilidade masculina é frequentemente compreendida como um elemento constitutivo da identidade e da masculinidade, fazendo com que alguns homens percebam esses métodos, principalmente a vasectomia, como uma possível ameaça à sua virilidade ou à própria identidade masculina. Embora essa percepção não possa ser diretamente atribuída aos participantes desta pesquisa, ela contribui para compreender fatores

socioculturais que influenciam o envolvimento masculino nas decisões relacionadas ao planejamento reprodutivo (Melo, 2025).

Na fala do entrevistado 2, verificamos que o local e a indisponibilidade de preservativos, femininos ou masculinos, foram os fatores que impediram a utilização do método contraceptivo, e não o desconhecimento sobre o assunto, uma vez que ele também afirmou ter conhecimento sobre os principais mecanismos de contracepção. Isso sinaliza que, possivelmente, a ocorrência da gravidez não estaria necessariamente associada à falta de informação, mas também a fatores contextuais, como o acesso imediato aos meios de prevenção.

Brandão (2009) estudou algumas dificuldades encontradas por homens e mulheres jovens no manejo da contracepção no decorrer de suas trajetórias afetivo-sexuais, identificando situações propensas à não-utilização de métodos contraceptivos. Para a autora, é significativo o não-uso desses métodos no momento da iniciação sexual. Entre os motivos elencados pelos jovens que participaram de sua pesquisa, foram citados, além do esquecimento da ingestão ou da compra do método (pílula), por exemplo, deixar-se levar pelo clima do momento ou, simplesmente, a ocorrência de “pura irresponsabilidade” ou “preguiça” no momento da relação sexual.

Para Cabral (2003), “ter ouvido falar” sobre contraceptivos não significa saber utilizá-los corretamente. A autora pontua que muitos adolescentes afirmam conhecer ou até mesmo utilizar métodos contraceptivos, mas, ainda assim, ocorrem gestações devido ao uso inadequado, à inconsistência no uso, às relações impulsivas, aos fatores de gênero e à negociação afetiva. O acesso à informação, embora essencial, não garante, por si só, a adoção de práticas contraceptivas. Conforme discute Altmann (2009), mesmo quando os adolescentes recebem orientações sobre métodos contraceptivos, nem sempre essas informações são plenamente assimiladas ou incorporadas em suas práticas, sendo o uso influenciado por aspectos sociais, culturais e relacionais. Além disso, dificuldades no acesso aos métodos, bem como a presença de tabus em torno da sexualidade, podem interferir negativamente na utilização desses recursos.

De modo complementar, embora existam políticas públicas voltadas à promoção da saúde sexual e reprodutiva, inclusive no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS), ainda persistem entraves relacionados ao acesso aos serviços, à informação qualificada e aos métodos contraceptivos. Côgo et al. (2025) destacam que o uso correto e consistente de métodos contraceptivos constitui um fator central na prevenção da gravidez não planejada, entretanto, desigualdades estruturais no acesso aos serviços e insumos de saúde limitam a efetividade dessas ações.

No que diz respeito às reações à descoberta da paternidade, observamos que os entrevistados apresentaram experiências distintas, variando entre sentimentos positivos e impactos emocionais iniciais.

“Ah, foi uma felicidade grande! Até hoje sou muito feliz por ter um filho”
[E1].

“Primeiro foi um abalo muito grande para mim. Não esperava isso, mas aconteceu! Hoje eu estou muito feliz” [E2].

Esse movimento é recorrente em estudos sobre paternidade na adolescência, que indicam que a ausência de planejamento da gestação tende a provocar reações iniciais de ansiedade, dúvida e negação, as quais vão sendo ressignificadas ao longo do período gestacional (Nogueira et al., 2011).

Ao serem informados sobre a paternidade, os adolescentes podem vivenciar sentimentos diversos, que envolvem tanto reações positivas quanto impactos emocionais iniciais relacionados à mudança em seus projetos de vida. Conforme apontam Ruivo e Gomes (2009), esse momento pode ser marcado por ambivalência, incluindo alegria pela chegada do filho, mas também sentimentos de medo, frustração e incertezas quanto ao futuro.

Os relatos evidenciam que as reações à descoberta da paternidade não são estáticas, podendo se transformar ao longo do tempo. No caso do E2, observa-se um processo de ressignificação da experiência, no qual um sentimento inicial de impacto e surpresa dá lugar, posteriormente, à aceitação e à construção de um vínculo positivo com o filho. Esse movimento dialoga com os estudos realizados

por Nogueira et al. (2011) que indicam que as reações à paternidade na adolescência são dinâmicas e se reelaboram ao longo do tempo e com os estudos de Corrêa et al. (2014) que sinalizam que a paternidade na adolescência se constitui como uma experiência que leva ao amadurecimento dos adolescentes, uma vez que enseja reflexões a respeito do papel de pai e suas atribuições no desenvolvimento do filho.

Além disso, a coexistência de sentimentos positivos e negativos nas falas dos participantes materializa a noção de ambivalência que foi discutida por Ruivo e Gomes (2009), quando afirmam que a paternidade na adolescência envolve não apenas respostas emocionais imediatas, mas também processos de adaptação às novas responsabilidades e às mudanças nos projetos de vida.

3.2 VOU SER PAI E AGORA? PLANEJAMENTO DE VIDA A PARTIR DA PATERNIDADE

A paternidade na adolescência promoveu mudanças significativas nos projetos de vida dos participantes, especialmente no que se refere à ampliação das responsabilidades e à necessidade de reorganização de suas rotinas. Nesse caminho, ambos os participantes da pesquisa associaram a paternidade ao aumento significativo de compromissos, o que exigiria assumir responsabilidades e demonstrar mais maturidade, como podemos observar a seguir:

“Mudou muita coisa [...] me fez mudar muitas coisas... Ter mais responsabilidade do que eu tinha, ter compromisso sério — até hoje eu tenho!” [E1].

“Quando descobri que ia ser pai, eu era muito novo, com apenas 17 anos, aí tive que ter mais responsabilidade. Tive que deixar de estudar para poder trabalhar, né?” [E2].

As falas indicam que a paternidade é compreendida como um marco de transição, no qual o adolescente passa a assumir responsabilidades contínuas, principalmente relacionadas ao sustento e cuidado com o filho. No relato do E1, essa percepção se intensifica ao associar a paternidade a um “compromisso sério”, evidenciando a incorporação de novas obrigações ao seu cotidiano.

Esse processo também se manifesta no relato do E2, que, ao interromper os estudos para assumir o sustento da família, materializa a discussão proposta por Guimarães (2019), ao evidenciar como o jovem passa a transitar simultaneamente entre a condição de adolescente e a de pai. Nesse contexto, a necessidade de reorganização da vida pessoal, familiar e social caracteriza um processo de adultização precoce, no qual demandas típicas da vida adulta passam a fazer parte da experiência juvenil.

As mudanças de vida mencionadas pelos nossos entrevistados dialogam com os estudos realizados por Oliveira (2019) que indicam que a paternidade na adolescência implica em transformações que ultrapassam o âmbito individual, alcançando diferentes dimensões da vida dos jovens. Tais mudanças exigem a redefinição de prioridades e a adaptação a novas demandas, como evidenciado nos relatos analisados.

Além disso, observa-se que essas transformações repercutem nas relações sociais dos participantes. A necessidade de assumir responsabilidades e reorganizar a rotina contribui para mudanças na vida social, sobretudo no que se refere à redução do convívio com amigos e à diminuição de atividades de lazer. Esses aspectos também são apontados por Melo et al. (2012), ao evidenciarem restrições ao lazer e o consequente distanciamento de pares. Assim, os relatos indicam que a paternidade na adolescência deve ser compreendida como um processo complexo, que envolve não apenas a ampliação de responsabilidades, mas também reconfigurações nas relações sociais e no cotidiano dos jovens.

Um impacto significativo que podemos destacar na vida desses adolescentes se refere à trajetória escolar, pois observa-se que a paternidade na adolescência impactou diretamente a continuidade dos estudos dos participantes, como podemos observar a seguir:

“[...] Antes de eu ter filho com essa minha mulher, eu estudava. Mas só que depois que descobri que ela estava grávida, aí eu já parei dos meus estudos e já fui procurando um trabalho [...] Ela ficava em casa fazendo as coisas e eu ia trabalhar. Aí eu larguei meus estudos até hoje [...]” [E1].

“Tive que deixar de estudar para poder trabalhar, né? Para poder me manter, manter a criança e manter também a mãe da criança. Aí depois disso, comecei a trabalhar. Aí depois do trabalho tentei estudar de novo, só que não deu muito certo. Depois de uns longos quatro ou cinco anos, foi que eu voltei de novo estudar.” [E2].

Os dois jovens relatam que abandonaram⁴ a escola, pois viram a necessidade de entrar para o mercado de trabalho com o objetivo de prover as necessidades da criança, o que dizem fazer até hoje. Suas narrativas evidenciam que a paternidade na adolescência está associada a trajetórias escolares marcadas por interrupções e fragilidades, ainda que estas ocorram de formas distintas. Enquanto o E1 não retornou aos estudos, o E2, mesmo enfrentando dificuldades, conseguiu retomar sua trajetória escolar após alguns anos, até concluir o Ensino Médio. Esses percursos indicam que os efeitos da paternidade sobre a escolarização não são homogêneos, variando conforme as condições e possibilidades de cada sujeito.

Entretanto, é importante destacar que essas experiências não podem ser generalizadas para todos os adolescentes que vivenciam a paternidade. Os impactos da paternidade precoce são atravessados por fatores sociais, econômicos e familiares, de modo que as trajetórias dos jovens pais assumem diferentes configurações conforme o contexto em que estão inseridos. Estudos evidenciam que a paternidade na adolescência ocorre com maior frequência entre jovens com baixa escolaridade, inserção precoce no mercado de trabalho e pertencentes a famílias de menor renda, fatores que podem dificultar a permanência na escola e influenciar a assunção precoce de responsabilidades familiares (Dias; Aquino, 2006). Em contextos de vulnerabilidade social, soma-se a essas condições a expectativa de que o homem assuma precocemente o papel de provedor financeiro, mesmo diante da baixa qualificação profissional e das dificuldades de acesso ao trabalho e às políticas públicas, o que pode intensificar os desafios vivenciados pelos jovens pais (Benatti; Pereira, 2020). Em contrapartida, estudos realizados com jovens de camadas médias indicam que a paternidade tende a produzir menor impacto sobre as trajetórias escolares e profissionais, não implicando, de modo geral, na interrupção dos estudos⁵ nem na inserção precoce no mercado de trabalho, uma vez que esses jovens frequentemente contam com maior apoio familiar e melhores condições socioeconômicas (Heilborn et al., 2002).

No caso dos jovens entrevistados nesta pesquisa, o abandono ou a desistência da escola vincula-se à entrada no mundo do trabalho como consequência direta da paternidade, que é associada à necessidade de garantir o sustento familiar. Esse movimento evidencia a antecipação de responsabilidades típicas da vida adulta, configurando a inserção precoce no mercado de trabalho como parte da experiência desses jovens. Essa dinâmica pode ser compreendida à luz de construções sociais de gênero que, historicamente, atribuem ao homem a responsabilidade pelo sustento financeiro da família. Nesse sentido, Levandowski et al. (2002, p. 78) afirmam:

“Por questões culturais, ainda persiste em muitas famílias ocidentais a idealização desses papéis. À mãe cabe o cuidado diário pelo bem-estar físico e emocional dos filhos e a administração de conflitos familiares; e ao pai, o sustento financeiro e a transmissão de valores morais, educativos e de autoridade” (Levandowski et al., 2002, p. 78).

Para Paula et al (2010), a paternidade na adolescência, nas classes populares, pode provocar entre os adolescentes uma necessidade maior de assumir o compromisso de trabalhar, o que faz com que, muitas vezes, eles tenham que abandonar a escola, como observamos com os dois entrevistados.

⁴ Entende-se por abandono escolar a saída definitiva da escola, sem retorno ao sistema de ensino durante o período analisado.

⁵ Entende-se por interrupção dos estudos a suspensão temporária da trajetória escolar, com posterior retorno e continuidade da escolarização

Os autores pontuam ainda que, nesse caminho, os jovens pais tenham que lutar contra o desemprego e tenham que assumir os empregos que estão disponíveis para que possam prover o sustento (ou parte dele) do núcleo familiar que passaram a formar.

Mesmo que a interrupção dos estudos entre jovens que se tornaram pais deva ser analisada a partir de fatores sociais e econômicos mais amplos, não é possível desconsiderar o papel que a paternidade assume nesse processo. Conforme apontam Dias e Aquino (2006), jovens pais tendem a apresentar menor escolaridade justamente pela necessidade de inserção precoce no mercado de trabalho, o que contribui significativamente para trajetórias educacionais mais instáveis.

O trabalho aqui aparece como constituinte de um universo moral que é importante, principalmente quando consideramos a trajetória dos jovens que fazem parte das camadas populares, sendo também relevante na construção de sua identidade masculina. Mesmo quando a paternidade não é a principal justificativa para a interrupção dos estudos, ela é deflagradora da primazia do trabalho em relação à trajetória escolar, pois, a partir de então, os jovens têm “um filho para sustentar” (Cabral, 2002).

Desse modo, a vivência da paternidade implica em mudanças significativas nas prioridades de vida e na rotina dos adolescentes, o que repercute diretamente na vida escolar. Os relatos analisados indicam que a necessidade de assumir novas responsabilidades interfere na continuidade dos estudos, exigindo adaptações que nem sempre são conciliáveis com a permanência na escola, uma vez que há o entendimento de que é necessário reorganizar as atividades em função das demandas de cuidado e provisão com a criança que vai nascer (Deus et al., 2020; Miura, Santos, Lima, 2020).

Almeida e Hardy (2007) indicam que o significado do “ser pai” na adolescência é atrelado ao conceito do que é “ser homem”, que é aprendido dos adultos. Essa passagem está atrelada ao aumento das responsabilidades e à obrigatoriedade de assumir um trabalho. Dessa forma, as autoras pontuam que “ser homem” significa, então, ser responsável, sustentar a família e ter um trabalho remunerado, como afirmaram nossos entrevistados. Ser trabalhador e provedor, mesmo que essa responsabilidade seja dividida com outras pessoas, atende às expectativas sociais da masculinidade, garantindo a passagem para a fase adulta (Almeida; Hardy, 2007).

Em ambos os relatos é possível observar ainda que nossos entrevistados destacam a necessidade de manter não apenas a criança mas, também, a mãe da criança sinalizando aqui que há uma camada que especifica relações de gênero que não podemos desconsiderar. Nesse caminho, os papéis a serem desempenhados tem marcações específicas sobre o que cada um tem que cumprir: à mulher cabe cuidar, não apenas do filho, mas “das coisas da casa” e ao pai, ser o provedor. Essa configuração revela a reprodução de papéis de gênero socialmente construídos, nos quais ao homem é atribuída a responsabilidade pelo sustento financeiro, enquanto à mulher recai o cuidado com a casa e com o filho. Conforme discute Gonçalves (2023), tais dinâmicas reforçam desigualdades de gênero e influenciam diretamente as trajetórias educacionais de jovens pais e mães.

Desse modo, se por um lado as experiências da maternidade e paternidade caracterizam-se como significação para a vida adulta, acarretando o aceleração do caminho em direção a essa fase, por outro lado, também definem os papéis a serem cumpridos, cabendo principalmente à adolescente o cuidado com a criança e ao adolescente prover a casa (Souza et al., 2022). Dessa forma, em relação ao atendimento das necessidades da criança, predomina a sobrecarga feminina e, assim, muitas mães adolescentes abandonam a escola, enquanto o pai nem sempre se compromete e/ou assume a responsabilidade de participar ativamente do processo de educação e cuidados do bebê (Lima; Gonçalves, 2023).

Para Veiga et al. (2023), o papel de provedor pode ser difícil de ser desempenhado em plenitude por um jovem pai e a sua instabilidade financeira pode acabar afastando-o da vivência de uma paternidade mais ativa e participativa no sentido de oferecer a esse jovem uma experiência que o vincule a um outro/novo modelo de masculinidade e exercício da paternidade, que esteja baseada no afeto, ao prazer, cuidado e à promoção da saúde de pais e filhos, e menos ao provimento financeiro.

A partir dessa perspectiva, observa-se que as construções sociais de gênero influenciam diretamente a vivência da paternidade na adolescência, reforçando expectativas que associam o homem à função de provedor e à autoridade familiar. Nos relatos analisados, essa expectativa se

materializa na inserção precoce no espaço de trabalho, frequentemente associada à interrupção dos estudos. O contexto local no qual a pesquisa foi realizada contribui também para a compreensão dessas trajetórias de vida. Uma das características do município de Augusto Corrêa, no Pará, é a predominância da pesca artesanal como uma das principais atividades socioeconômicas, o que favorece a inserção precoce de jovens no mercado de trabalho (Pará, 2014).

Dados do IBGE (2022) indicam que, embora o município apresente avanços no acesso à escolarização no Ensino Fundamental, ainda enfrenta desafios relacionados à permanência dos estudantes no Ensino Médio⁶. No município a proporção de jovens entre 15 e 17 anos com Ensino Fundamental completo era de 28,99%; e a de jovens entre 18 e 20 anos com Ensino Médio completo era de 9,6%. Não há escolas de Ensino Médio em número suficiente para atendimento da demanda de jovens que chegam a essa etapa de escolarização (Augusto Corrêa, 2015; SEDUC, 2026).

Esse panorama nos ajuda a compreender como a paternidade, associada à necessidade de trabalhar, pode resultar em trajetórias educacionais interrompidas, como observado nos relatos analisados. A presença significativa de jovens em idade economicamente ativa nesse município esbarra na oferta limitada de empregos, uma vez que a economia do município é, em maior parte, mobilizada pela administração pública (61,2%), seguida da agropecuária (19,2%) e serviços (16,1%). As atividades que mais empregam no município são, portanto, a administração pública em geral, o comércio atacadista de pescados e frutos do mar e o comércio varejista de móveis (Caravela, 2026).

As características observadas no município parecem reforçar um cenário em que, tanto o abandono da escola, quanto o ingresso precoce no mercado de trabalho pela formação de novos núcleos familiares (muitas vezes ainda na adolescência) tendem a ser naturalizados. Nesse contexto, observa-se que as experiências dos participantes não ocorrem de forma isolada, mas se inserem em uma realidade social mais ampla que contribui para a legitimação desses percursos. Assim, a inserção precoce no mercado de trabalho, no contexto da paternidade na adolescência, está relacionada tanto a expectativas de gênero quanto às condições socioeconômicas locais, impactando diretamente as trajetórias escolares e os projetos de vida desses jovens.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo analisar como a paternidade na adolescência impacta a vida de jovens pais, considerando mudanças na rotina, nas relações sociais e na trajetória escolar. A partir de uma abordagem qualitativa e da escuta de dois jovens que vivenciaram a paternidade ainda na adolescência, foi possível compreender que essa experiência impacta diretamente essas dimensões, configurando-se como um marco de entrada precoce na vida adulta, marcado pela assunção de responsabilidades, especialmente no que se refere ao sustento financeiro dos filhos.

Os dados indicam que, independentemente de a gravidez ter sido planejada ou não, a paternidade implicou rupturas nas trajetórias juvenis, sobretudo no âmbito escolar. Os participantes relataram interrupções nos estudos em função da necessidade de inserção precoce no mercado de trabalho, ainda que um deles tenha conseguido retomar posteriormente sua trajetória escolar. Esses achados indicam que a paternidade na adolescência se articula a desigualdades sociais e educacionais preexistentes, contribuindo para percursos marcados por descontinuidades.

Observou-se também que a vivência da paternidade na adolescência é atravessada por construções sociais de gênero. A centralidade do papel de provedor, assumido pelos jovens pais, reflete modelos tradicionais de masculinidade que associam o homem à responsabilidade financeira, enquanto o cuidado cotidiano permanece majoritariamente atribuído às mulheres. Essa lógica contribui para a invisibilização do pai adolescente em diferentes esferas, dificultando seu reconhecimento como sujeito ativo da parentalidade.

Os achados desta pesquisa oferecem contribuições relevantes para o debate acadêmico ao dar visibilidade às experiências dos jovens pais. Destaca-se, nesse sentido, a necessidade de políticas públicas e práticas educativas que incluam o pai adolescente nas ações de saúde sexual e reprodutiva,

⁶ Augusto Corrêa conta com 72 escolas de Ensino Fundamental e 5 (cinco) escolas de Ensino Médio. <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/augusto-correa/panorama>

no acompanhamento da gestação e no suporte à permanência escolar, promovendo a corresponsabilidade parental e a equidade de gênero.

Além disso, os resultados reforçam a importância de abordar a educação sexual de forma crítica e contextualizada no ambiente escolar, considerando não apenas aspectos biológicos, mas também dimensões sociais, culturais e de gênero. A inclusão da temática da paternidade na adolescência nas práticas pedagógicas pode contribuir para a formação de estudantes mais conscientes sobre suas escolhas e responsabilidades. Esta pesquisa também contribuiu para fortalecer a compreensão sobre o papel do professor de Ciências na promoção de uma educação sexual crítica, inclusiva e contextualizada, que vá além de abordagens centradas exclusivamente nos aspectos biológicos da reprodução humana. Ao evidenciar a invisibilidade da paternidade na adolescência e as desigualdades de gênero que permeiam essa experiência, o estudo reafirma a importância de práticas pedagógicas que promovam reflexões sobre corresponsabilidade parental, direitos, projetos de vida e equidade de gênero, contribuindo para uma formação cidadã e para o desenvolvimento do pensamento crítico dos estudantes.

Apesar das contribuições proporcionadas por este estudo, é importante reconhecer algumas limitações que devem ser consideradas na interpretação dos resultados. A realização da pesquisa foi marcada por dificuldades no processo de construção dos dados, uma vez que alguns jovens, inicialmente contatados, não deram continuidade à participação nas entrevistas. Em razão disso, o estudo foi desenvolvido com apenas dois participantes, o que limita a abrangência dos resultados. Ainda assim, os relatos obtidos possibilitaram compreender aspectos relevantes da paternidade na adolescência e contribuíram para ampliar o debate sobre uma temática ainda pouco explorada na produção científica.

Diante dessas limitações, recomenda-se a realização de novas pesquisas com amostras mais amplas e em diferentes contextos socioculturais, a fim de aprofundar a compreensão sobre as múltiplas dimensões que atravessam a paternidade na adolescência e ampliar a visibilidade das experiências dos jovens pais.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Anecy de Fátima Faustino; HARDY, Ellen. Vulnerabilidade de gênero para a paternidade em homens adolescentes. **Revista de Saúde Pública**, v. 41, n. 4, p. 565-572, 2007.

ALTMANN, Helena. Educação sexual em uma escola: da reprodução à prevenção. **Cadernos de Pesquisa**, v. 39, n. 136, p. 175-200, jan./abr. 2009.

AUGUSTO CORRÊA (PA). Secretaria Municipal de Educação. **Plano Municipal de Educação 2015-2025**. Augusto Corrêa: Prefeitura Municipal, 2015. Disponível em: <https://augustocorrea.pa.gov.br/wp-content/uploads/2023/08/Plano-Municipal-de-Educacao-2015-2025->. Acesso em: 15 mai. 2026.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BENATTI, Ana Paula; PEREIRA, Caroline Rubin Rossato. Significados da paternidade em contextos de vulnerabilidade social. **Arq. Bras. Psicol.**, Rio de Janeiro, v. 72, n. 2, p. 105-120, ago. 2020. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672020000200008&lng=pt&nrm=iso. Acessos em 14 jul. 2026.

BRANDÃO, Elaine Reis. Desafios da contracepção juvenil: interseções entre gênero, sexualidade e saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 14, n. 4, p. 1063-1071, 2009.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016**. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, n. 98, p. 44-46, 24 maio 2016.

BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Estatuto da Criança e do Adolescente. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm. Acesso em: 30 ago. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/escola-em-tempo-integral/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal.pdf. Acesso em: 1 abr. 2026.

BRASIL. **Lei nº 15.371, de 31 de março de 2026**. Dispõe sobre a licença-paternidade; institui o salário-paternidade no âmbito da Previdência Social; e altera a Consolidação das Leis do Trabalho e outras leis. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 1 abr. 2026. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2026/lei/115371.htm. Acesso em: 13 jul. 2026.

CABRAL, Cristiane S. Contracepção e gravidez na adolescência na perspectiva de jovens pais de uma comunidade favelada do Rio de Janeiro. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 19 (Sup. 2). 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/hJJz9ZKry69tBGB8tHVMnwm/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 11 mai. 2026.

CABRAL, Cristiane S. “Gravidez na adolescência” e identidade masculina: repercussões sobre a trajetória escolar e profissional do jovem. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 19, n. 2, jul./dez. 2002.

CARAVELA. Perfil socioeconômico de Augusto Corrêa – PA. 2026. Disponível em: <https://www.caravela.info/regional/augusto-corr%C3%A7%C3%A3o---pa>. Acesso em: 23 mar. 2026.

CÔGO, Victória Spalenza *et al.* Uso de métodos contraceptivos e gravidez na adolescência no Brasil: análise descritiva com dados nacionais. **Cuadernos de Educación y Desarrollo**, v. 17, n. 9, 2025. Disponível em: <https://ojs.cuadernoseducacion.com/ojs/index.php/ced/article/view/9472>. Acesso em: 15 abr. 2026.

CORRÊA, Ana Cândida Lopes *et al.* Reflexões e sentimentos advindos do processo da paternidade na adolescência. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ENFERMAGEM, 66., 2014, Belém. Anais [...]. Belém: ABEn, 2014. Disponível em: <https://portal.eventosaben.org.br/66cben/anais/trabalhos/trabalho1592.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2026.

DEUS, Meiridiane Domingues de *et al.* A experiência do pai adolescente no primeiro ano de vida da criança. **Pensando Famílias**, Porto Alegre, v. 24, n. 1, p. 175-189, jun. 2020.

Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2020000100013&lng=pt&nrm=iso%E2%81%A0. Acesso em: 2 abr. 2026.

DIAS, Acácia Batista; AQUINO, Estela M. L. Maternidade e paternidade na adolescência: algumas constatações em três cidades do Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 7, p. 1447-1458, 2006.

DUARTE, Josmar Barreto; DUARTE, Taiane Santos. Gravidez na adolescência: uma reflexão sobre a função paterna. In: BARROS, Renan Nascimento; ALVES, Gleica Soyan Barbosa; OLIVEIRA, Eliene de (org.). **Tópicos em Ciências da Saúde**. Belo Horizonte: Poisson, 2023. V. 32, p. 34-47.

ERIKSON, Erik H. **Identidade, juventude e crise**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

FAVILLI, Myrna Pia. A metamorfose adolescente: uma nova relação corpo-mente. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 50, n. 2, p. 37-46, jun. 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2016000200004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 29 ago. 2025.

FREIRE, Ediane Alves de Lima. **Gravidez na adolescência: estudo ecológico em Pernambuco e papel da paternidade**. 2021. Dissertação (Mestrado em Hebiatria) – Universidade de Pernambuco, Camaragibe, 2021.

GONÇALVES, Shirley Dias. **Cartografia do processo de pesquisa com estudantes pesquisadores de escola pública: m(p)aternidade na adolescência em cena**. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2023.

GUIMARÃES, Marianna Ribeiro. **A constituição da paternidade na maternidade adolescente**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2019.

HEILBORN, Maria Luiza; SALEM, Tania; ROHDEN, Fabíola; BRANDÃO, Elaine. Aproximações socioantropológicas sobre a gravidez na adolescência. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 8, n. 17, p. 13-45, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/py75RPTb5wdBdQcFnQpXHyK/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 14 jul. 2026.

HOGA, Luiza Akiko Komura; REBERTE, Luciana Magnoni. Vivencias de la paternidad en la adolescencia en una comunidad brasileña de baja renta. **Revista da Escola de Enfermagem**. USP, São Paulo, v. 43, n. 1, p. 110-116, 2009.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades e Estados: Augusto Corrêa (PA)**. 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/augusto-correa/panorama>. Acesso em: 23 mar. 2026.

LEVANDOWSKI, Daniela Centenaro; ANTONI, Clarissa de; KOLLER, Sílvia Helena; PICCININI, Cesar Augusto. Paternidade na adolescência e os fatores de risco e de proteção para a violência na interação pai-criança. **Interações**, São Paulo, v. 7, n. 13, p. 77-100, jun. 2002. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-29072002000100006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 3 jan. 2026.

LIMA, Sandra Regina Rocha de. **Educação sexual, gravidez na adolescência e relações de gênero: vozes de mães e pais adolescentes de Ladário/MS**. Dissertação (Mestrado em Educação Social) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Corumbá, 2020.

LIMA, Sandra Regina Rocha de; GONÇALVES, Josiane Peres. Relações de gênero e gravidez na adolescência: vozes de mães e pais adolescentes de escolas públicas. **Dialogia**, n. 45, 2023. Disponível em: <https://uninove.emnuvens.com.br/dialogia/article/view/23488/10310>. Acesso em: 2 abr. 2026.

LÖSCH, Silmara; RAMBO, Carlos Alberto; FERREIRA, Jacques Lima. A pesquisa exploratória na abordagem qualitativa em educação. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 18, 2023. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/17958>. Acesso em: 10 set. 2025.

LUZ, Ana Maria Hecker; BERNI, Neiva Iolanda de Oliveira. Processo da paternidade na adolescência. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 63, n. 1, p. 43-50, fev. 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0034-71672010000100008>. Acesso em: 2 set. 2025.

MACIEL-PEREIRA, Gabrielle; GIUBBINA, Camila Pascoti Lapin; DUARTE, Flávio Ramos; CERATT, Caio Cezar Sangioni. Representação social de mães adolescentes sobre a paternidade: narrativas em um hospital universitário. **Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar**, São Paulo, v. 28, e008, 2025. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582025000100203&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 3 set. 2025.

MELO, Ana Luisa Almeida; MACHADO, Maria de Fátima Antero Sousa; MAIA, Evanira Rodrigues; SAMPAIO, Karla Jimena Araujo de Jesus. Repercussões da paternidade na vida do adolescente. **Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste, Fortaleza**, v. 13, n. 2, p. 261-268, 2012. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3240/324027981003.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2026.

MELO, Luma. Contraceptivos masculinos: por que ainda não se popularizaram? Uma revisão abrangente. **Brazilian Journal of Clinical Medicine and Review**, v. 3, n. 1, p. bjcmr34, jan./dez. 2025. Disponível em: https://www.bjclinicalmedicinereview.com.br/index.php/bjcmr/article/download/bjcmr34/bjcmr34_pt/904. Acesso em: 13 jul. 2026.

MIURA, Paula Orchiucci; SANTOS, Kedma Augusto Martiniano; LIMA, Estefane Firmino de Oliveira. Paternidade na adolescência e as relações familiares. **Pensando Famílias**, Porto Alegre, v. 24, n. 1, p. 190-206, jun. 2020. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2020000100014&lng=pt&nrm=iso%E2%81%A0. Acesso em: 24 mar. 2026.

NOGUEIRA, Maria José; MARTINS, Alberto MESAQUE; SCHALL, Virgínia Torres; MODENA, Celina Maria. “Depois que você vira um pai...”: adolescentes diante da paternidade. **Adolescência & Saúde**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 28-34, 2011. Disponível em: <https://api.arca.fiocruz.br/api/core/bitstreams/b45a35f6-4c57-4139-9ce6-2d49f893d81c/content>. Acesso em: 2 set. 2025.

OLIVEIRA, Max Moura de *et al.* Avaliação do Sistema de Informações sobre Nascidos Vivos: Brasil, 2006 a 2010. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, Brasília, v. 24, n. 4, p. 629-640, dez. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/ress/2015.v24n4/629-640/pt>. Acesso em: 1 dez. 2025.

OLIVEIRA, Polliane de Jesus Dorneles. Paternidade e maternidade na construção da identidade do adolescente e a evasão escolar. **Revista Educação Pública**, v. 19, n. 12, 25 de junho de 2019. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/19/12/a-paternidade-e-a-maternidade-na-construcao-da-identidade-do-adolescente-e-a-evasao-escolar>. Acesso em: 11 abr. 2026.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2009. Child and adolescent health and development. Genebra: OMS. Disponível em: <https://www.who.int/health-topics/adolescent-health#tab=>. Acesso em: 1 set. 2025.

PARÁ. Secretaria de Estado de Turismo. Inventário da oferta turística de Augusto Corrêa (PA). 2014. Disponível em: https://www.setur.pa.gov.br/sites/default/files/pdf/augusto_correa_-_inventario_da_oferta_turistica_2014.pdf. Acesso em: 23 mar. 2026.

PAULA, Elaine Ribeiro; BITTAR, Cléria Maria; SILVA, Marta Angélica Iossi; CANO, Maria Aparecida Tedeschi. A paternidade na adolescência e seu significado entre os jovens universitários que a vivenciaram. **Revista Mineira de Ciências da Saúde**, Patos de Minas, n. 2, p. 28-42, 2010. Disponível em: <https://revistas.unipam.edu.br/index.php/revistasauade/article/view/5043/2959>. Acesso em: 15 abr. 2026.

REIS, Ana Paula; RODRIGUEZ, Andrea del Pilar Trujillo; BRANDÃO, Elaine Reis. A contracepção como um valor: histórias de jovens sobre desafios no uso e manejo dos métodos. **Saúde Soc.** São Paulo, v. 33, n. 1, 2024.

RUIVO, Pablo Vitório Annunziato; GOMES, Giovana Calcagno. **O impacto da paternidade na adolescência**. In: Mostra da Produção Universitária, 2009, Rio Grande. Anais [...]. Rio Grande: FURG, 2009. Disponível em: <https://proposp.furg.br/anaismpu/cd2009/pos/698-771-1-SM.pdf>. Acesso em: 2 abr. 2026.

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DO PARÁ (SEDUC). Escolas. Disponível em: <https://share.google/u2Q7pGelrcrLejFLV>. Acesso em: 30 jun. 2026.

SILVA, Bianca Soares da *et al.* Ser pai na adolescência: reflexão teórica. In: SOMBRA, Isabelle Cordeiro de Nojosa (org.). **Discursos, saberes e práticas da enfermagem 2**. Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. p. 179-191.

SOUZA, Jeane Barros; OLIVEIRA, Rita de Cássia Alves; MONGE, Aline Bitencourt; VITALLE, Maria Sylvia de Souza. Paternidade e maternidade na adolescência: reflexões sobre o presente e o futuro. **Revista Educação - UNG-Ser**, v. 17, n. 3, p. 34-46, 2022. Disponível em: <https://revistas.ung.br/index.php/educacao/article/view/4675>. Acesso em: 15 mai. 2026.

VEIGA, Maria Beatriz de Assis; MACIEL, Mayara Ribeiro; KLAYN, Bianca Pezzini Souza da

Silva; RIBEIRO, Cláudia Regina; LEMOS, Adriana. Paternidade entre homens jovens: Vivências, mudanças e possibilidades. **Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental**. v. 15; e. 11890;2023. Disponível em: <https://doi.org/10.9789/2175-5361.rpcfo.v15.11890>. Acesso em: 15 mai. 2026.

APÊNDICE A

Roteiro de Entrevista Semiestrutura

Título da pesquisa: Quando o filho chega cedo: Percepções sobre tornar-se pai na adolescência

Objetivo: Compreender as percepções de jovens pais acerca dos impactos da paternidade na adolescência sobre suas rotinas, relações sociais e trajetórias escolares.

Perguntas norteadoras

1. A gravidez foi planejada?
2. Fazia uso de métodos contraceptivos?
3. Se não, por que não fazia uso?
4. Como foi receber a notícia de que seria pai?
5. O que mudou na sua vida após a paternidade? (Rotina, estudos, trabalho, responsabilidades, planos para o futuro, entre outros aspectos que o participante considerar relevantes.)

APÊNDICE B

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE BRAGANÇA
FACULDADE DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

I Dados de identificação do Projeto e dos Pesquisadores Envolvidos

Título do Projeto: Quando o filho chega cedo: Percepções sobre tornar-se pai na adolescência

Pesquisadores Responsáveis:

Profa. Sandra Nazaré Dias Bastos/UFPA- IECOS-PPLSA/Campus Universitário de Bragança

Geovana Cunha de Brito Farias/UFPA-FACIN/Campus Universitário de Bragança

Telefones para contato:

II Dados de Identificação do Voluntário

Nome: _____ Idade: _____ anos.

Número do Documento de Identidade: _____ Órgão Emissor: _____

Você está sendo convidado a participar do projeto de pesquisa “Quando o filho chega cedo: Percepções sobre tornar-se pai na adolescência”, sob a responsabilidade da pesquisadora Sandra Nazaré Dias Bastos.

A presente pesquisa está relacionada ao Trabalho de Curso (Monografia de Graduação) de Geovana Cunha de Brito Farias, estudante regularmente matriculada no curso de Licenciatura em Ciências Naturais (UFPA/FACIN/Campus de Bragança) que tem como objetivo principal analisar como a paternidade na adolescência impacta a vida dos jovens pais, considerando mudanças na rotina, nas relações sociais e na trajetória escolar.

Para isso, os dados serão levantados por meio de uma entrevista (que será gravada em áudio) e que obedecerá a um roteiro semiestruturado. Esclarecemos que em nenhum momento as respostas fornecidas serão modificadas, alteradas ou passarão por qualquer tipo de crítica ou avaliação. Ressaltamos ainda que sua participação é voluntária, e que o consentimento para participação nessa pesquisa pode ser retirado a qualquer tempo, sem prejuízos para as partes envolvidas. As informações fornecidas são sigilosas e para garantir a privacidade de sua identidade, seu nome não será mencionado no relatório de nossa pesquisa.

Eu,

_____,

(nome da voluntário)

Portador do documento de identidade nº _____ declaro ter sido informado e concordo em participar, como voluntário, do projeto de pesquisa acima descrito.

Augusto Corrêa, _____ de _____ de 2025.

Assinatura do entrevistado

Sandra Nazaré Dias Bastos astos (Professora Orientadora)

Geovana Cunha de Brito Farias
(Licencianda em Ciências Naturais)

ANEXO A

Diretrizes para Autores – Nova Revista Amazônica

DIRETRIZES PARA OS AUTORES⁷

Recomendamos a LEITURA INTEGRAL das normas aqui apresentadas antes de submeter seu manuscrito.

1 Condições para submissão do material

1.1. Para enviar contribuições à Nova Revista Amazônica - NRA, o autor deverá acessar a página da revista e cadastrar-se como autor. Em seguida, com login e senha, deverá submeter seu material, de acordo com estas diretrizes de publicação para autores

1.2. A NRA adota a *avaliação por pares cega*. Para garantir o anonimato e avaliação cega de pares, pede-se aos autores que antes de submeter o material para avaliação, adotem os seguintes procedimentos:

1.2.1. Retirem do artigo quaisquer informações que permitam a identificação dos proponentes, bem como **nomes de autores, e-mails e filiação institucional, colocando-as em folha de rosto a parte**, que deverá ser enviada como documento suplementar no ato da submissão do material, no site da revista.

1.2.2. Nos documentos do Microsoft Office, a identificação do autor deverá ser removida das propriedades do documento, clicando no menu principal do aplicativo da Microsoft: Arquivo> Salvar como> Ferramentas (ou opções no Mac)> Segurança> Remover informações pessoais das propriedades do arquivo ao salvar > Salvar.

1.3. A contribuição deverá ser original e inédita, e não deve estar sendo avaliada para publicação por outra revista. O arquivo da submissão deve estar em formato Microsoft Word.

1.4. Para artigos, resenhas, ensaios etnográficos, crônicas etnográficas, vídeos etnográficos pelo menos um/uma dos/as proponentes deverá ter o título de doutor/a. Para entrevistas, o autor deve ter titulação de doutor e possuir produção relevante no campo das humanidades.

1.5. Os autores mantêm os direitos autorais e concedem à NRA o direito de primeira publicação em versão eletrônica e impressa.

1.6. A quantidade máxima de autores são quatro (4), sendo que pelo menos um dos autores deve ter o título de doutor.

1.7. Os trabalhos que não estiverem adequados às normas descritas adiante serão devolvidos aos autores.

2. Normas Gerais

a) Folha – formato ofício – A4, 21 cm x 29,7 cm;

b) Margens: superior e esquerda: 3 cm; inferior e direita: 2 cm;

c) Digitação: Times New Roman, tamanho 12, no corpo do texto e nas referências; e tamanho 10 nas citações com mais de 3 linhas, notas e rodapés;

d) Indicativo da seção: numeral que vem antes do título da seção, alinhado à margem esquerda, em algarismos arábicos, separados do seu título por apenas um espaço, com recuo de primeira linha de 1 cm, ou equivalente a um toque na tecla TAB do computador;

e) Títulos: Colocado no início do trabalho, a 3 cm da borda superior, em caixa alta, em negrito, em fonte Times New Roman, tamanho 12, alinhamento centralizado, separados por um espaço simples do texto anterior e do texto posterior. Se houver subtítulo, deve ser separado do título principal, por dois pontos. Entre título e

⁷ Orientações disponíveis em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/nra/about/submissions#authorGuidelines>

subtítulo, espaçamento simples;

f) Nome dos autores: Deve constar logo abaixo do título principal o nome completo do (s) autor (s), em ordem normal, caixa baixa, alinhado à direita, tamanho 11, seguido de uma chamada de nota de rodapé, tamanho 10, onde devem constar a titulação do (s) autor (es), sua filiação institucional, e o endereço eletrônico de e-mail. Entre o título e o nome do autor, o espaçamento é simples sem negrito;

g) Espaçamento: Espaçamento **simples** entre linhas do corpo do texto, assim como nos resumos, citações com mais de 3 linhas, notas e rodapés (NBR 6022/2018) e referências.

h) Entrada de parágrafo: de 1,25 ou o equivalente a um toque na tecla TAB do computador;

i) Citações: **citações diretas breves** de até três (3) linhas são incluídas no corpo do texto, com aspas, no mesmo tamanho da fonte do texto. Porém, **citações longas** são destacadas do texto, com recuo de **4 cm** da margem esquerda, fonte 10 e com espaçamento simples;

j) Imagens e tabelas: devem ser autoexplicativos, isto é, precisam dialogar com o conteúdo apresentado, sem necessitar recorrer ao texto, estando o mais próximo possível do texto a que se refere. Devem possuir suas respectivas fontes em tamanho 11, mesmo que tenham sido feitas pelo próprio autor do trabalho;

k) Para as imagens, a identificação deve ser feita na parte superior da imagem, centralizada, com a palavra designativa em letras minúsculas, sendo a primeira escrita em maiúscula. Por exemplo: **Figura 1-** Divisão de etapas de funcionamento. As imagens devem ser no formato paisagem ou retrato e devem estar alinhadas à margem do texto.

l) Para as tabelas: devem ser numeradas consecutivamente com algarismos arábicos, que seguem a palavra “Tabela” com alinhamento centralizado, com a palavra designativa em letras minúsculas, sendo a primeira escrita em maiúscula, posicionada na parte superior. Exemplo: **Tabela 1** - Quantitativo de alunos; seguida pelas colunas. O conteúdo da tabela deve estar em fonte Times New Roman, tamanho 10.

m) Siglas: quando ocorre pela primeira vez a palavra no texto, deve ser escrita em forma completa, em minúscula, seguida pela sigla, que vem colocada em parênteses, em maiúsculo. **Exemplo:** Universidade Federal do Pará (UFPA);

n) Paginação: as páginas dos trabalhos submetidos à Nova Revista Amazônica (NRA) **não** podem ser numeradas;

o) Palavras em língua estrangeira e indígena: Devem ser destacadas em estilo de fonte itálico no texto. Exemplo: *fast - food*; *puã* (redondo);

p) Sobre as Referências: A entrada de autores nas referências (no final do artigo) deverá ser idêntica àquela feita para as citações no texto e deverá, igualmente, seguir as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT): NBR 6023/2018 (2.ed.), bem como suas alterações realizadas na atualização da norma;

Veja o [TEMPLATE DA SUBMISSÃO](#)

3. Normas específicas

3.1 Artigos

a) Os textos dos artigos devem conter entre 10 e 20 laudas;

b) Resumo em língua portuguesa e em língua estrangeira: a palavra “resumo” deve ser escrita em caixa alta, centralizada, tamanho 11, em negrito, **seguida do texto**, com espaço de uma linha entre a palavra “resumo” e o texto, cuja redação deve ser feita em parágrafo único, espaçamento simples, tamanho 11, utilizando a terceira pessoa do singular e os verbos escritos na voz ativa;

c) Palavras-chave: colocadas após o resumo, espaçamento de uma (1) linha, deve conter três (3) a quatro (4) palavras, com inicial em maiúscula e as demais em minúsculo, separadas por ponto e concludas por ponto. São aceitos resumos em inglês, francês e espanhol. A expressão “**palavras-chave**” deve ser negritada e em caixa Baixa.

3.2. Resenhas

a) Os textos direcionados a essa seção **não** devem ultrapassar o limite de seis (06) laudas;

b) Serão aceitos textos referentes a obras editadas há no máximo 03 anos, e, no caso de reedições, justificar sua pertinência devido às suas atualizações;

3.3. Ensaio etnofotográficos

É um texto imagético estruturado com uma pequena introdução escrita, seguida com imagens das rotinas de trabalho em campo, das representações culturais e outras formas artísticas que valorizam a imagem etnográfica sustentada na leitura antropológica do *lôcus* de pesquisa.

a) Os textos direcionados a essa seção **não** devem ultrapassar o limite de sete (07) laudas, com texto escrito de 1 a 2 páginas e devem conter no máximo 10 imagens.

b) As imagens terão as seguintes especificações: sem legenda, devem dialogar com o texto narrativo e possuir as seguintes especificações: Paisagem (altura de 11,5 cm e largura de 16 cm). Retrato (a imagem deve estar numa única página alinhada à margem do conteúdo escrito do ensaio).

c) As imagens utilizadas não podem ter problemas autorais.

3.4. Crônicas Etnográficas São narrativas compiladas com fatos verídicos a partir de experiências vivenciadas nas pesquisas feitas na academia, estabelecendo um diálogo entre antropologia e a linguagem literária (sugestão de leitura “Tristes Trópicos de Claude Lévi-Strauss”).

a) Os textos direcionados a essa seção devem ter de 1 a 2 laudas; uso de imagem é facultativo; não é necessária referências.

b) Título da crônica: deve possuir apenas o título principal, com alinhamento centralizado, caixa alta, tamanho 12, separados por um espaçamento simples do texto anterior e do texto posterior. Primeiro deve constar o título em Língua Portuguesa e em seguida a tradução em língua estrangeira.

3.5. Vídeos etnográficos

É um processo de produção, e epistemológico, a partir de uma linguagem visual em movimento, com o objetivo de transmitir conhecimentos, representando uma realidade de comunicação de determinados aspectos de uma cultura.

a) O título deve ser escrito em língua portuguesa e inglesa;

b) Sinopse: a palavra **Sinopse** deve estar em português, caixa alta, seguida de dois pontos. Na sequência, o texto escrito em parágrafo único, alinhamento justificado, sem recuo de primeira linha, espaçamento simples, fonte Times New Roman, tamanho 12;

c) Synopsis: a palavra **Synopsis** deve estar em língua estrangeira (inglês, francês ou espanhol) caixa alta, seguida de dois pontos. Na mesma linha, o texto escrito em inglês, francês ou espanhol, parágrafo único, alinhamento justificado, sem recuo de primeira linha, espaçamento simples, fonte Times New Roman, tamanho 12;

d) Ficha técnica com equipe de trabalho e créditos;

e) Os vídeos devem ser de até 10 min. e filmados com equipamentos que garantam uma boa resolução (resolução de celular 640 x480 pixels).

3.6. Entrevistas

a) O número de laudas **não** deve ultrapassar seis (6);

b) Os trabalhos devem apresentar os seguintes elementos: Título; – Título em inglês; – Nome do Entrevistado e do Entrevistador; – Apresentação da entrevista e do entrevistado; – Transcrição; – Breve biografia do entrevistador com, no máximo, três linhas e e-mail.

"O conteúdo expresso no trabalho é de inteira responsabilidade do(s) autor(es). Os trabalhos que não estiverem de acordo com as Normas da NRA serão devolvidos para correção, cabendo ao(s) autor(es) o cumprimento de prazos para devolução e posterior publicação"

Condições para submissão

Como parte do processo de submissão, os autores são obrigados a verificar a conformidade da submissão em relação a todos os itens listados a seguir. As submissões que não estiverem de acordo com as normas serão devolvidas aos autores.

1. A contribuição é original e inédita, e não está sendo avaliada para publicação por outra revista; caso contrário, deve-se justificar em "Comentários ao editor".
2. O arquivo da submissão está em formato Microsoft Word, OpenOffice ou RTF.
3. URLs para as referências foram informadas quando possível.
4. O texto está em espaço simples; usa uma fonte de 12-pontos; emprega itálico em vez de sublinhado (exceto em endereços URL); as figuras e tabelas estão inseridas no texto, não no final do documento na forma de anexos.
5. O texto segue os padrões de estilo e requisitos bibliográficos descritos em [Diretrizes para Autores](#), na página Sobre a Revista.
6. Em caso de submissão a uma seção com avaliação pelos pares (ex.: artigos), as instruções disponíveis em [Assegurando a avaliação pelos pares cega](#) foram seguidas.

Declaração de Direito Autoral

A Nova Revista Amazônica oferece acesso livre e imediato ao seu conteúdo, não cobra taxas para submissão, nem para o processamento e publicação dos trabalhos, pois acredita no compartilhamento gratuito do conhecimento científico ao público e na democratização mundial do conhecimento. Procede, ainda, a divulgação da revista em diferentes mídias sociais de modo que a revista possa ter maior alcance e circulação.

Licença [Creative Commons - Atribuição-CompartilhaIgual 4.0 Internacional](#).

Política de Privacidade

Os nomes e endereços informados nesta revista serão utilizados exclusivamente para os serviços prestados por esta publicação, não sendo disponibilizados para outros fins ou a terceiros.